

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—3 DE SETEMBRO DE 1882—N.º 28 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

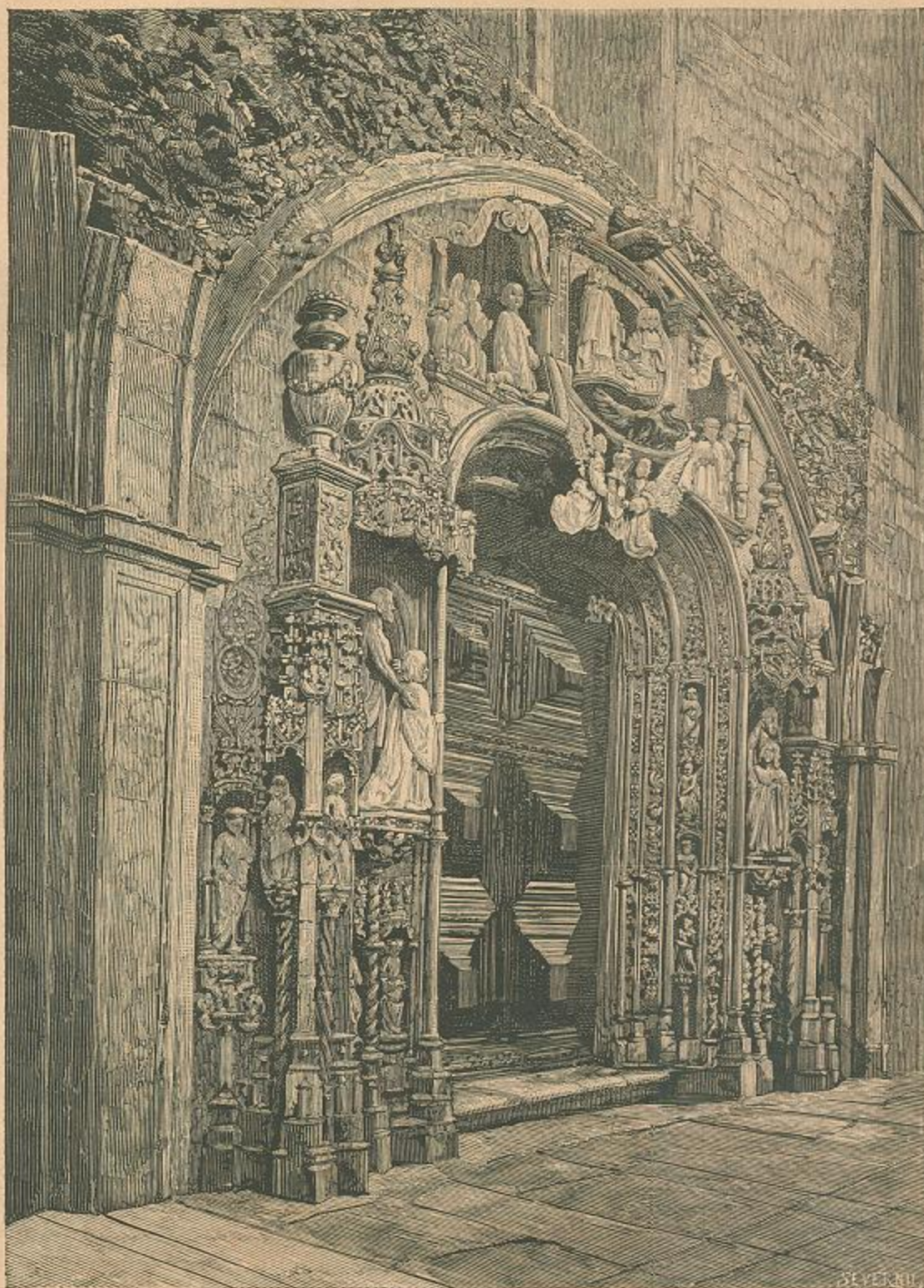
Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Portal da igreja de Santa Maria de Belem. O barbeiro turco. A refeição da tarde. A cathedral de Antuerpia.

TEXTO:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. Uma scena deante d'um piano. O marraxo, por Maximiliano d'Azevedo. Rosicler, por S. M. A filha do musico, por Hippolite Lucas. Um caso de magnetismo, por Guimarães Fonseca.



PORTAL DA IGREJA DE SANTA MARIA DE BELEM

ACTUALIDADES

A grande novidade da semana continuava a ser a sr.^a Marini. A mudança da companhia do circo dos ecreios para o theatro veio mostrar que, ás vezes, o talento d'uma actriz está em qualquer coisa — em subir uma duzia de lances d'escada, por exemplo.

Não vão agora algumas actrizes portuguezas tomar o exemplo á risca, obrigando-nos a ir ouvil'as... ao zimborio da Estrella.

A verdade, porém é que a sr.^a Marini, no theatro parece outra. Para isto concorre muito o seguinte: n'um circo, onde se fuma, onde se conversa, onde se ri a proposito de tudo, e a proposito de coisa nenhuma, aquillo a que se presta menos attenção é, geralmente, a peça que se está representando.

Se accrescentarmos que essa peça mal se ouça, e, para muitos espectadores, mal se veja, está explicado o insucesso da companhia italiana n'aquelle casarão, a que muitos teimam em chamar—o theatro de baixo. Nome que, até certo ponto, se justifica, se nos lembrarmos que o Rocio tem sido theatro... de muitas e variadas scenas.

Quanto á sr.^a Marini, podemos dizer que tem dentro em si duas actrizes — uma notabilissima, excepcional, *hors-ligne*, outra, apenas correcta, conscienciosa, muito bem pautada. A actriz excepcional apparece nas scenas em que a personagem diz exactamente o que sente. Assim, a sr.^a Marini, se ama um homem sabe dizer-lhe, admiravelmente, que o ama, como admiravelmente sabe dizer-lhe que o odeia, caso lhe tenha odio. Agora dizer-lhe que o ama, odiando-o, declarar-lhe que o odeia, amando-o, — não sabe. Theatralmente bem entendido.

Ora, a nós custa-nos acreditar que, uma actriz do talento da sr.^a Marini represente, por ignorancia, de um modo inferior os papeis com direito e avesso: isto é, que tem duas faces—uma para o artista com quem se joga a scena, outra para o publico. Um exemplo d'esta inferioridade, e bem frisante, apresentou a sr.^a Marini no 2.^o acto da *Fernanda*.

Como todos sabem, n'este acto, Clotilde diz a André exactamente o contrario do que sente: ama-o, e declara-lhe com a maior indifferença, que ha muito deixou de o amar. Para André, este modo de representar é excellente, e, em absoluto, tudo quanto ha de mais verdadeiro; evidentemente, uma mulher querendo enganar um homem, procura, por todos os modos, não se trair por uma palavra, por um gesto, por um simples olhar.

Mas, no theatro, não existe só André, ha tambem o publico. Portanto, para que o desempenho do papel seja completo, é necessario que a actriz se não limite a representar para André, que represente tambem um pouco para o publico, para o pobre publico que nunca pensou em atraiçoar Clotilde e que não deve, segundo os preceitos da justiça, ser envolvido na vingança da orgulhosa condessa.

Ora, a sr.^a Marini, nos papeis d'este genero, importa-se tanto com a plateia como eu me importo com o que se está agora passando na China.

Como ha pouco escrevemos, custa-nos a acreditar que proceda d'este modo por ignorancia. Queremos antes pensar que este seu systema de representar seja o resultado de um modo de ver differente do de todos nós—n'uma palavra,—seja o seu processo.

Resta-nos, portanto, não discutir a actriz, mas discutir o processo. Devemos dizel-o desde já—parece-nos pouco feliz. Começa por falsear o pen-amen-

to do auctor. Quem nunca tivesse visto a *Fernanda*, persuadia-se, como se persuade André, que Clotilde já o não ama.

O auctor, escrevendo a peça, não pensou nunca em a conduzir d'esta maneira. Quiz que o espectador visse levantado n'este segundo acto a ponta do véu que encobre o coração apaixonado de Clotilde, ferido no seu orgulho de mulher. Se o espectador, ainda que por poucos momentos, se convence de que Clotilde não ama André, a peça, durante esses momentos, é um ridiculo absurdo. O auctor, de certo, não escreveu, ou melhor, não plagiou uma das mais brilhantes scenas da *Fernanda*, para chegar a este resultado.

E' possivel que a sr.^a Marini julgue realista este seu processo. Será. Em todo o caso, na vida real, ha muitas scenas passadas entre tres personagens, onde, uma d'ellas sabe ser falsa,—sem que lh'o tenham participado,—o que as outras duas se estão dizendo.

Ora, porque sabe A que é falso o que B está dizendo a C? — Porque B, não tendo interesse algum em occultar a verdade a C, deixa transparecer, n'um olhar, n'um gesto, n'uma inflexão, que as palavras que está pronunciando não são verdadeiras.

Porque não ha de este facto, tão vulgar na vida real, admitir-se no theatro?

Porque não ha de a sr.^a Marini representar o 2.^o acto da *Fernanda*, e varios actos de outras peças, dando ao publico as honras de ser o terceiro personagem do nosso exemplo?

Porque não ha de C, o publico, perceber que é falso o que A diz a B?

A sr.^a Marini representando estas e semelhantes scenas, como até aqui o tem feito, e de certo continuará, ha de, sacrificando-se a um processo falso, parecer algumas vezes uma artista mediocre, quando, realmente, é uma actriz notabilissima. E. Quem representou a *Soror Teresa*, com uma tão perfeita comprehensão artistica, quem, no 2.^o acto do *Monsieur Alphonse* teve a arte de pôr lagrimas nos olhos de alguns *blagueurs* de officio, não é, permittam-me este estravagante gallicismo—não é a primeira que chega.

A critica tem-a accusado de frieza. Mas, ainda agora reparo que, de Marini, tudo está dito n'esta meia duzia de linhas de Julio Cesar Machado, que são só por si, a melhor critica que se tem feito da celebre actriz.

Ha occasiões, escreve Julio Machado, em que produz o effeito de se estar vendo, n'ella, uma senhora cercada de actores e actrizes, a repetirem na sua casa, na sua casa d'ella, scenas de drama e de comedia: actrizes e actores a quem convidasse para irem alli divertil'a, não sendo ella actriz e não estando a representar.

E' isto, exactamente, o que se sente ao vê-la n'uma ou outra scena. Simplesmente, todos sentiam isto, mas só Cesar Machado o disse, só elle o descobriu. Gloria a Julio... Colombo!

URBANO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O portal de Santa Maria de Belem

Eit-a essa pagina admiravel da nossa epopéa escripta em pedra, em soberbo e arrendado portal

dante do qual se teem curvado com enthusiasmo successivas gerações e que Charles Blanc, o critico severo e official, chamava um producto adulterico do genio da meia idade e do genio da renascença, exactamente como José Agostinho de Macedo accusava Camões de misturar com o maravilhoso christão as ficções do paganismo, porque ha sempre José Agostinhos em todas as artes e em todos os tempos.

O defeito que lhes lançam em rosto, ao portal de Belem e aos *Lusiadas*, é exactamente o seu predicado mais notavel, e essas relações entre o poema de pedra e o monumento de estrophes são evidentes e claras.

Está incompleto o edificio de Belem como ficou mutilada e incompleta a nossa grandeza. Coube a outros o edificio das conquistas orientaes, a nós coube-nos erigirmos o portal, e n'essa profusão de ornamentos, n'essa multiplicidade de emblemas e de rendilhados que fazem do portal de Belem uma verdadeira maravilha—se reproduz o que houve de grande e portentoso n'essa iniciação da Europa nos segredos e nas maravilhas do mysterioso Oriente.

O Barbeiro turco

Quando se falla no Oriente, em Constantinopla, a phantasia exalta-se e devaneia immediatamente um mundo de esplendores, uma cidade onde o pitoresco abunda. Vêem-se as ricas telas de ouro e seda, os palacios de mármore, as columnas de lapis-lazuli, os tapetes de lã de camello, os macios sophas, e no meio de todas essas maravilhas os olhos brilhantes das odaliscas. A magnificencia porem é que é o caracteristico principal d'esse Oriente que nós imaginamos, e Stambul, a formosa rainha do Bosphoro, apresenta-se á nossa imaginação adornada com todas as riquezas que pode sonhar a mais arrojada imaginação. As cidades do oriente são para nós as cidades phantasticas das Mil e uma noites com os palacios que os genios edificam, com os bazares cheios de todos os prodigios do mais requintado fausto: os diamantes de Golconda, os rubis de Bisnazar, as perolas de Ceylão, as sedas da Persia, os tecidos magicos de Damasco, os narghilés engastados de pedras preciosas, as pelles de tigre, os tanques de mármore branco, cheios de agua crystallina, e sussurrante, as alfombras de avelludada relva, e as portas dos harens, onde passam as odaliscas envoltas em nuvens de transparentes mosselinhas, os escravos nubianos com braceletes de ouro nos pulsos e anneis de prata nas pernas, tal é o Oriente que nós sonhamos, o que povoa a nossa phantasia exaltada pela scintillação do verso de fogo de Victor Hugo nas suas resplandecentes *Orientaes*.

O oriente da realidade é bem diverso: ha de certo o luxo infrene nos palacios do sultão e dos pachás, mas nas ruas sombrias e immundas das suas cidades aninha-se a mais horrenda e mais repugnante miseria, os cães vadios perseguem o viandante que escorrega a cada passo nos detritos arrojados sem cerimonia aos seus pés pelos habitantes das casas escuras por onde passa. Em vez dos bazares das Mil e uma noites, por onde o tio de Aladino passeia o maravilhado rapaz, encontra lojas primitivas sem aceio, sem conforto, sem elegancia, em vez d'esses formosos e altivos turcos de sedosas barbas negras, encontra algum typo hediondo como o que se vê na gravura que se deixa rapar á navalha por um barbeiro immundo! E' um dos aspectos d'esse oriente repugnante o que Bonnat nos apresenta no quadro admiravel de que a nossa gravura é fidelissima copia.

A refeição da tarde

Poderíamos chamar-lhe mais portuguezmente a merenda. A palavra merenda parece mais peninsular, e a refeição da tarde corresponde mais literalmente ao *vesperbrod*, que é a epigraphe da gravura allemã. A merenda é mais alegre, mais radiante, lembra mais o céu peninsular, o horizonte affogado nos vivos rubores do pôr do sol; refeição da tarde desperta idéas graves, melancolicas, longos e pallidos crepusculos. A merenda traz logo ao pensamento os cachos perfumados das uvas das nossas vinhas, a refeição da tarde parece que não pôde constar senão de maçãs, que é um fructo allemão, uma fructa massuda, uma fructa de que se fazem bebidas espessas, e que de mais é a fructa da arvore da sciencia, e os allemães gosam a reputação merecida de serem uns figurões abarrotados de sciencia. Maçãs, cerveja, fumo do cachimbo e philosophia de historia constituem o fundo do organismo allemão.

Reparo agora que tambem ha peras na gravura: protesto contra o desenhador! O desenhador trahi-me! Peras, quem o auctorizou a dar peras aos allemães? Peras! a fructa que se desfaz na bôca em sumo delicioso! Serão peras, não o contesto, mas, n'esse caso são peras marquezas, umas peras de polpa farinhenta, que são filhas adulterinas das macieiras, como o genio de Goethe era um filho adulterino do oriente, que violára, n'uma hora de phantasia melancolica, a pudica Allemanha.

Voltemos á gravura. Olhem-me para a boa rapariga, que está conscienciosamente distribuindo a fructa pelos rapazes. Ao verem a seriedade, a gravidade austera com que exerce aquellas funcções, todos diriam que é ella a mãe da rapaziada, mas, olhando mais de perto para as linhas puras e juvenis d'aquelle semblante, percebe-se desde logo que é ainda tão nova, que não podia de modo algum ter dado á luz aquelle marmanhão de chapéu emplumado, que descasca tão gravemente o fructo que lhe coube em sorte. Depois o olhar não revela de modo algum a mãe de familia, tem ainda todas as curiosidades da adolescencia, e não a serenidade da mulher que entrou já definitivamente na vida. É irmã, é sem duvida alguma a irmã mais velha, a Carlota de Werther, a irmã um pouco mãe de familia, encarregada de governar a pequenada enquanto a mãe lida nas duras tarefas domesticas.

Não posso desprezar a vista d'esta gentil, d'esta suave figura feminina; e, quanto mais a vejo, mais me confirmo na idéa de que o desenhador quiz positivamente representar a irmã primogenita, e não a mãe das creanças, e parece-me até que mostrou, no modo como traçou aquelle vulto, uma rara intuição psychologica. Reparem. Se fosse a mãe, a sua tarefa absorveria-a completamente, estaria toda entregue ao cuidado de tratar os pequenos, sorrir-se-hia com enlevo para o mais novo, que está n'uma posição tão graciosa, seguiria com sollicitude os movimentos do mais velho, temendo a cada instante que a faca lhe cortasse os dedos. Mas não succede assim, o olhar da rapariga é um olhar distraído, segue vagamente uma visão interior; executa machinalmente a sua tarefa, mas não se deixa absorver por ella. O olhar, obrigado da curiosidade dos rapazes pelo cortinado das longas e finas pestanas, não segue o descascar da pera, perde-se embebido em recordações, em devaneios, em aspirações ou em saudades.

Depois de determinar o caracter da gravura, que posso eu acrescentar? É a scena do Werther; Car-

lota distribuindo pelos irmãos as fatias de pão com manteiga, quando entra o romantico mancebo que tem de se suicidar por ella é a scena da *Morgandinha dos Cannaviaes*. Magdalena, Lena, como lhe chamam na intimidade, dando de merendar aos travessos e palreiros irmãos, quando entra Henrique o lisboeta, que vae trocando com ella um tiroteio de galanteria e de bons ditos.

Se Goethe e Julio Diniz trataram o assumpto, se basta apenas transportar a scena para um meio inferior, da burguezia para o povo, a querer-se formar uma idéa clara da gravura, que posso acrescentar ao que disseram Julio Diniz e Goethe? Nada. Direi apenas: é Carlota antes de entrar Werther, é Magdalena antes de entrar Henrique, mas é Carlota que sonha Werther, é Magdalena que se lembra de Augusto. Dito isto, leiam o romance allemão, leiam o romance portuguez, e comprehendem a gravura.

A cathedral de Antuerpia

É este um dos mais notaveis monumentos gothicos da meia-idade. Divisa-se muito ao longe a sua torre esbelta, quando se passa por entre os opulentissimos campos de trigo e as verdejantes paizagens que rodeiam a rica cidade commerciante dos Paizes Baixos.

No sitio onde hoje se ergue a cathedral, levantava-se outr'ora uma humilde capella que Godofredo de Bouillon transformou em collegiada. Em 1533 foi esse edificio destruido pelo fogo. A torre começada em 1422 só se concluiu em 1518. É como se vê, a parte mais curiosa e mais bella do edificio.

O plano primitivo da cathedral comportava uma outra torre do outro-lado, mas nunca passou do primeiro compartimento.

Por dentro a cathedral é ainda mais sumptuosa. A nave é immensa, e ao centro ergue-se uma cupula de lanterna; os paredões são adornados por quadros magnificos de Rubens, e nos altares veem-se verdadeiros primores de escultura em madeira. Os candelabros de prata, e baixellas de ouro, os altares de marmore completam a magnificencia d'este formoso e sumptuoso edificio, ainda hoje um dos mais bellos e magnificos da Europa.

P. C.

UMA SCENA DEANTE D'UM PIANO

1

Era em 1869; Beethoven acabava de soffrer o duro golpe da perda de Haydn, seu mestre e amigo dilecto, e procurava espalhar a tristeza por todos os modos, especialmente pelo trabalho e passeios.

Um dia sahio de casa, sem destino certo, e principiou a andar pelas ruas de Vienna dando tannha attenção ao que se passava á roda de si, como se não pretencesse a este mundo.

Depois de longo percurso, entrou machinalmente n'uma especie de café ou taberna muito afamada, em que um crescido numero de freguezes, commodamente abancados, faziam honra á excellente cerveja allemã. Foi sentar-se n'um canto da sala, onde não estava ninguém, e de ninguém foi visto nem mesmo do creado do estabelecimento. Poz os cotovellos sobre a pequena meza redonda, deixou cahir a cabeça nas mãos, e devaneou á sua vontade uma pagima immortal, não sendo distraído pela conversação ale-

gre e ruidosa dos bebedores, que se iam electrizando a pouco e pouco.

Ao cabo de uma hora, os convivas tinham já sahido todos, e Beethoven ficou só em companhia de um homem gordo, muito vermelho, sentado a pouca distancia d'elle, mas que elle não conhecia e de quem era tambem desconhecido.

O sujeito gordo tinha havia muito os olhos pregados no estravagante personagem, que vinha ao café para meditar e não para beber. Esta infracção á regra geral parecia-lhe um problema, tanto mais que elle, o pacato homem, não podia fazer nada sem o competente lastro.

Entretanto um creado dirigiu-se a Beethoven, perguntou-lhe o que desejava, e o artista, completamente absorvido n'uma concepção symphonica, e como quem acorda sobresaltado no meio d'um pesadelo, volta-se bruscamente e diz-lhe acceso em co-lera:

— Vae-te embora, impio; não me tortures!

O pobre diabo, ouvindo esta apostrophe rude, afastou-se meio atterrado, murmurando:

— Que diabo de homem!

E o sujeito gordo, cuja curiosidade fôra excitada pela physionomia de Beethoven, imaginou logo que estava alli um artista; não perdeu uma só palavra d'este incidente, e queria a todo o custo saber quem era o scismador.

Vae perguntar ao dono da casa, que nenhuma informação lhe pode dar. Sentá-se de novo, acaba a sua garrafa de cerveja, e espera pacientemente que o desconhecido se resolva a sahir, decidido a ir-lhe na pista e conseguir o seu intento.

Finalmente Beethoven levantou-se, e, tirando da algibeira algumas moedas, perguntou ao creado quanto devia.

— O senhor não deve nada; não quiz tomar coisa alguma.

— O que? respondeu o artista, queres mangar comigo? Pega lá!

Atirou com o dinheiro para cima do balcão, e sahio precipitadamente.

O sujeito gordo desatou a rir, e preparou-se para seguir o desconhecido.

II

Beethoven, em lugar de entrar em casa, enfiou por todos os becos e travessas da cidade, chegou ás barreiras, sabiu, e dirigiu-se para um bosque, perto de Vienna, onde a alma do grande artista se aprazia em scismar longe do bulicio do mundo. E o bojudito Syleno sem nunca o perder de vista. Encontrando um claro, Beethoven parou, olhou em roda e pareceu feliz com o silencio, que o cercava. O curioso, escondido atraz de uma arvore, examinava-o com attenção. De repente vê-lhe o rosto, já muito brilhante, illuminar-se como outr'ora se illuminavam os dos prophetas de Israel; as feições adquirem uma expressão nobre, quasi celestial; a cabeça é sublime, os gestos admiraveis. A inspiração tinha-se apoderado de todo o seu espirito; era o periodo de geração de uma obra prima; Beethoven parecia estar sob o influxo d'uma revelação divina.

E' indescriptivel o pasmo, a admiração do obeso amator de cerveja, que arde cada vez mais no desejo de conhecer aquelle original.

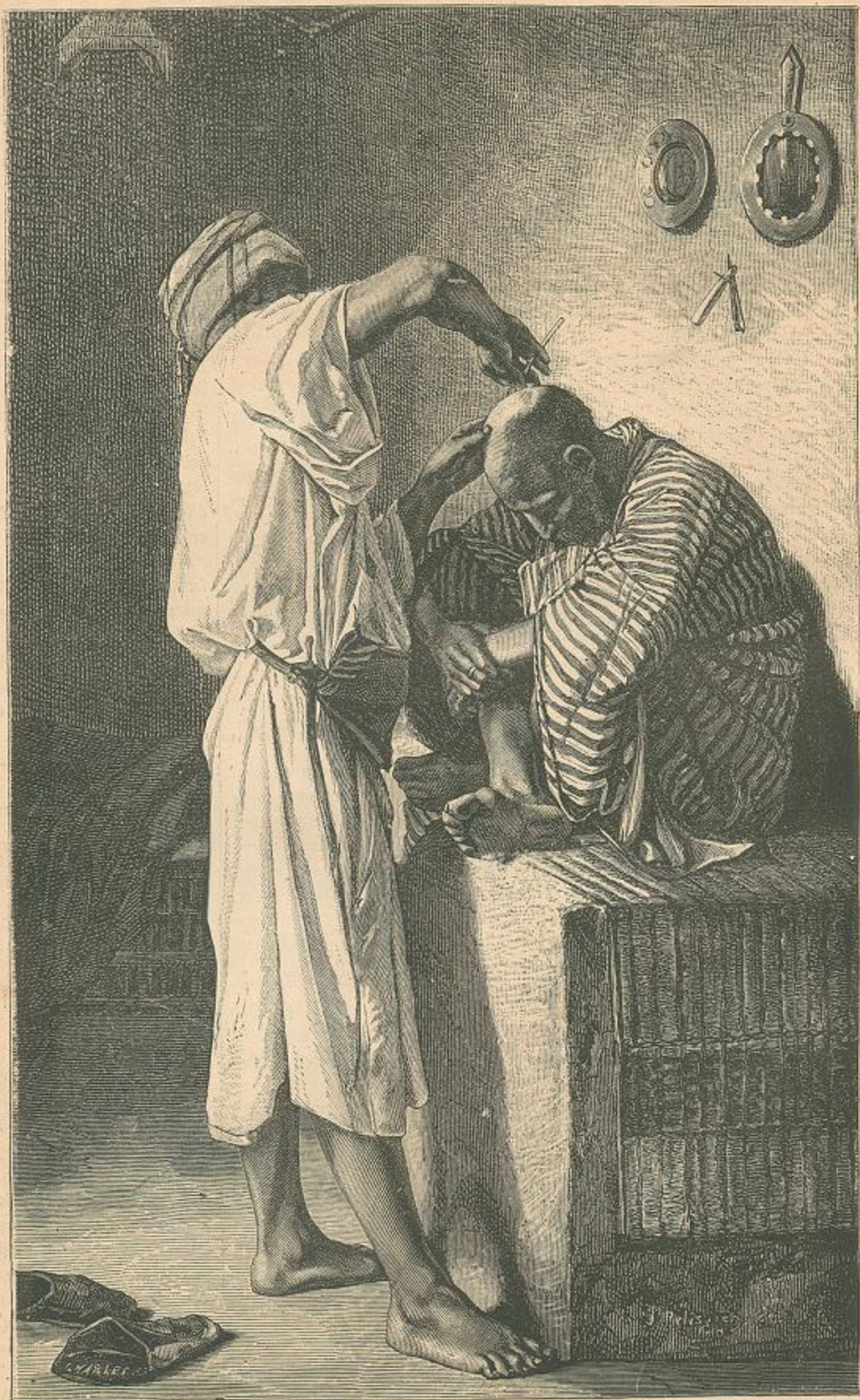
Ainda se não tinha recobrado do assombro, que o tomou, quando viu o desconhecido sahir precipitadamente do claro, atravessar o bosque, e voltar para

a cidade. Seguiu-o sempre, até que elle parou n'uma rua escura, e entrou n'uma casa modestissima.

—Até que enfim! disse o curioso; os visinhos não de conhecel-o.

Depois de numerosas e infructiferas investigações, deparou com um velho, de physionomia intelligente, em que era facil descobrir um artista, que lhe disse como em segredo:

mais forte; ninguém responde; perde a paciencia e começa a puxar o cordão da campainha durante um quarto d'hora; a vizinhança toma-o por doido e grita-lhe que não está pessoa alguma em casa; o ho-



O BARBEIRO TURCO

Interrogou todas as pessoas, que moravam nas proximidades, e apenas lhe responderam que o mysterioso homem tinha por alcunha o *Misanthropo*, porque vivia só, em constante meditação, evitando fallar e conviver fosse com quem fosse.

—O homem que desejava conhecer, é o maior musico do mundo; é Beethoven!

E sem pensar em agradecer e despedir-se do amavel interlocutor, corre á casa do supposto misanthropo, e bate com força. Ninguém apparece; bate

mem não attende e continua a bater.

Finalmente abre-se uma janella, á qual assoma Beethoven, vermelho de colera.

—O que quer?

—Senhor, eu queria...

— Não estou em casa.
E fecha a janella de mau humor.
— Bonito desfecho depois de tanto trabalho ! ex-

III

No dia seguinte volta á carga; mas d'esta vez

trar... Veio em boa occasião. Meu amo hontem estava desesperado, porque o interromperam nos seus estudos, mas hoje não... mandaram-lhe um presen-



A REFEIÇÃO DA TARDE

clamou o curioso.

E foi para sua casa, sem comtudo julgar o negocio perdido.

bate mais devagar. Uma creada velha que tinha sahido na vespera, abriu-lhe a porta.

— O sr. Beethoven está em casa?

— Está, sim senhor; queira ter a bondade de en-

te lindissimo... como elle lhe chama, e está muito contente.

O homem, apesar de timido, encheu-se d'animo com este prologo, e d'ahi a instantes voltou a crea-

da annunciando-lhe que podia entrar para o gabinete.

— Não me conhece com toda a certeza, disse elle ao celebre compositor; amador apaixonado de musica, tenho a mais subida veneração pelos artistas de merecimento; desejava immenso ter a honra de o conhecer, por isso atrevi-me a procural-o sem recommendação.

— Considero uma ventura, respondeu Beethoven, encontrar admiradores da nossa arte sublime.

— Esses taes são dignos de lastima, replicou o visitante; alheios ao mais nobre de todos os gozos, ás doces sensações que delectam a alma e a transportam ás esferas mais elevadas, vivem só pela materia e adormecem n'uma apathia mortal.

— Eis o motivo, replicou Beethoven, porque o verdadeiro artista ama a solidão, furta-se ao convívio do mundo, que não comprehende, concentra-se comsigo mesmo, conversa com o ceo; as teclas do piano traduzem-lhe os pensamentos, são o echo do que lhe vae no coração; goza da felicidade sem ruido e sem remorsos fazendo gozar o numero limitado dos que o ouvem. Como é bella a missão do artista!

— Pois bem, peço-lhe uma coisa. Consinta que eu mostre hoje um desejo, que, ha muito, me devorava, faça de mim o mais venturoso dos mortaes, permita que o ouça tocar.

Beethoven, encantado com estas palavras, senta-se ao piano, faz um preludio arrebatador, e parando um minuto diz:

— Vou tocar uma symphonia, que compuz hontem.

Ataca as primeiras notas com um vigor, um sentimento admiraveis; o piano debaixo dos seus dedos parece uma orchestra que elle domina a seu talento, cujo poder augmenta e modifica de um modo extraordinario; cada nota produz um effeito maravilhoso, cada phrase é um pensamento profundo.

O ouvinte sente-se arrebatado nas azas do enthusiasmo; julga-se n'um outro mundo; assiste ao concerto dos anjos; Beethoven affigura-se-lhe um Deus. Contempla com admiração aquella cabeça privilegiada, aquelle genio colossal; nada, como diriam os poetas, n'um oceano de delicias.

— Que lhe parece este bocado? exclamou Beethoven, no fim do ultimo accorde.

O sujeito gordo agita-se como uma pythonisa, tentando exprimir por gestos significativos as sensações que lhe inundam o espirito, porque a lingua estava quasi de todo em todo paralyzada, e a muito custo poude articular estas palavras:

— Divino! e que execução!

Houve então um momento de silencio. Repentinamente o ouvinte irrompe n'um grande enthusiasmo, que já se traduz por palavras.

— É assim, exclama elle, que eu comprehendo o drama musical, a divina symphonia, de pensamentos elevados, grandiosos, de um conjuncto philosophico e imponente; é uma emanção dos canticos celestes; um como poema epico. É assim tambem que eu comprehendo o piano, tão humilde, tão mesquinho debaixo dos dedos de um habil automato, e tão poderoso debaixo das mãos de um homem de genio! Oh! adorado instrumento! Lembro-me sempre com alegria das longas horas passadas a ferir as tuas teclas!

— Como! exclama Beethoven; o senhor toca piano?

— Toco... muito pouco... mas d'hoje em diante, depois de ter ouvido, não mais tornarei a pôr mãos no teclado.

— Isso é modestia... Ora faça o favor de tocar um bocado... Agora é a minha vez de gozar.

— A minha gratidão é maior do que a minha vaidade.

IV

Senta-se ao piano, colloca-se em má posição, e parece querer lembrar-se d'algum trecho. O ventre é tão largo como o teclado; a cadeira range debaixo d'aquelle enorme pezo. Beethoven devia sorrir vendo tamanha massa de carne diante do instrumento. O nosso homem bate nas teclas, e executa uns accordes, que fazem arripiar o celebre harmonista; mas, de repente, como um clarão subito ataca magistralmente uma formosa introdução, e o grande artista levanta a cabeça; depois lançando mão dos mais bellos motivos da symphonia, que acabava de ouvir, trata-os por mil formas diferentes com uma rara habilidade e um calor igual ao do auctor. Era um torneio admiravel, igual ao que houve um dia em Paris entre o Paganini e a Malibran, os dois talentos mais originaes da sua epocha.

Beethoven estava arrebatado, extatico. Por um movimento espontaneo, precipita-se sobre o improvisador, interrompe-o em meio de uma fuga, e pergunta-lhe commovido:

— Quem é o senhor? seja meu amigo!

— Sou João Nepomuceno Hummel...

O bojudo frequentador do caffè era o rival do proprio Beethoven, como pianista e compositor.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

O MARRAXO

Fazia um calor de rachar pedras, quando os quatro rapazes descansaram do trabalho.

Os raios do sol, cahindo a prumo nas ondas do mar, davam-lhes a estranha apparencia de um vasto e inquieto lençol de metal em fusão.

O macadam da estrada parallelá á costa meridional de S Miguel escaldava. Pendiam requeimados pela calma, os tufo de herva, que brotavam rachiticos, do terreno vulcanico e poroso.

Por isso o Francisco e os tres companheiros, ao assomarem á porta da quinta onde tinham estado trabalhando, antegosavam com delicias a frescura do banho que iam tomar.

Caminharam de pressa para a borda da agua, e começaram a despir-se á sombra de uma concavidade de rochedo, deixando a roupa sobre o calhau rolado, misturado com areia, que revestia a praia.

— Sabem uma coisa, ó rapazes! perguntava o José, com ar de riso. A modo que o mar tambem está encalmado.

E ao dizer isto, foi descendo até á habugem da maré. Depois molhou a mão direita na agua, e benzeu-se respeitosamente.

Os outros seguiram-n'o, entrando de corrida pelo mar dentro, fazendo repuxar a agua em esguichos espumosos, e soltando gritos agudos, com a impressão do frio.

O Francisco foi nadando para fóra.

Dos outros só dois o acompanharam mas lá o José pouco se afastou da costa, para não deixar de tomar pé.

— Larga-te d'ahi, marau! dizia-lhe um d'elles, olhando para traz e sacudindo com um movimento rapido de cabeça os cabellos gotejando agua, que lhe pendiam sobre a testa.

— Vá quem quizer, que eu tenho pouco folego.

— Ah! Tu não vens?... Já te prego com um calhau.

E ao dizer isto Francisco mergulhou, voltando d'ali a pouco ao lume de agua com uma pedra na mão, e atirou-a ao companheiro que dera parte de fraco.

— Vocês estão suffocando comigo?... O José muito amuado, voltou para o sitio onde deixara a roupa, e tendo passado com força a mão pelo cabello para lhe tirar a agua, enfiou a camisa e veio acabar de seccar o corpo para cima de um rochedo, que se metia pelo mar dentro, e onde o sol batia de chapa.

Os outros já estavam a umas cem braças da praia, e tinham voltado para traz, guardando uma certa distancia entre si: o Francisco mais fóra, o Antonio logo adiante e primeiro que todos o Luiz.

Com a mão direita estendida sobre os olhos, por causa do sol, e a esquerda segurando a camisa, que a aragem sacudia levemente, o José seguia-lhes os movimentos com a vista, invejoso de não ter acompanhado os outros rapazes.

Mas de repente attentou n'uma coisa.

Atraz do Francisco, a umas tres ou quatro braças, a agua mexia-se, havia n'ella como que uma sombra escura, que caminhava sempre após os banhistas.

— O que seria aquillo?

N'isto o José deu um grito fortissimo.

Ao de cima de agua avistava-se distinctamente uma galha escura e adelgada.

— E' um marraxo!

Meio suffocado com o susto, bracejando muito, começou a chamar os outros, soltando palavras entrecortadas.

Ouviu-lhe os gritos o Luiz, que se tinha deitado de costas para descansar.

Olhou na direcção que os gestos do José indicavam, e, descobrindo a galha do tubarão, bradou logo:

— Nada com ancia, Francisco, nada com ancia, e não pares... E tu tambem, Antonio... Olha o que vem atraz de vocês.

O Francisco voltou a cabeça e viu o marraxo. Pelo corpo passou-lhe um arrepio, como se a agua tivesse gelado de repente.

Em quanto elle nadasse, o marraxo não atacava porque para morder precisa virar-se a fim de voltar para cima a boca, que lhe fica por baixo do corpo, a boca immensa, armada com sete ordens de dentes cortantes como navalhas. Mas em parando...

E pensava no que succedeu uma vez a um rapaz, que um marraxo rolara pelo meio, perto do ilheu de Rasto de Cão.

Mais rapidos que os pensamentos que lhe passavam pela cabeça, só eram os movimentos que fazia nadando, e que, desordenados, a pouco e pouco o extenuavam.

Dos dois companheiros que o precediam, um já estava em terra salvo.

E o marraxo acompanhava-o sempre, quasi a tocar-lhe nos pés.

Perguntassem-lhe se queria morrer n'aquella occasião, fulminado, antes que os dentes do marraxo lhe rilhassem os ossos, e o Francisco pediria que o matassem.

Já não podia mais. O coração batia com tanta força, que parecia querer arrombar-lhe o peito.

O Antonio tambem já estava na praia.

No entretanto o José tinha ido buscar o bocado de um madeiro, que a maré deixara no sitio em que elles se haviam despido, e não perdia de vista o animal.

O Francisco já podia de certo tomar pé, mas não deixava de nadar enquanto a profundidade da agua

lh'o permittia, porque o perigo, o perigo medonho, estava exactamente no instante em que elle parasse, para tomar pé e fugir do mar.

Da praia, o Luiz ia para atirar uma pedra ao mar-raxo, mas o José fez-lhe um gesto imperioso de prohibição, e bradou para o Francisco:

—Nada sempre e não tenhas medo!

Tendo amarrado ao pedaço de madeiro a camisa que despira, elle não perdia, como um trancador de baleias, um só movimento do peixe.

De subito, mal o Francisco chegou á areia, José atirou o madeiro á agua, justamente entre o homem e o mar-raxo, e gritando com força:

—Foge, Francisco!

O rapaz saiu do mar com um ultimo impulso, extraordinario, sobrehumano.

Vendo cair o madeiro, onde brilhava o panno branco da camisa, e estacionar ao lume de agua, o mar-raxo voltou-se logo, com uma grande voracidade e ferrou-lhe os dentes furiosamente.

Ao mesmo tempo os rapazes, salvo o Francisco que se deitara na praia extenuado, tomavam grandes pedras e atiraram-n'as com desespero ao tubarão, que se desforrava do logro, despedaçando com os terriveis dentes o madeiro.

Depois, para fugir da areia que começa a entrar-lhe nas guelras e a suffocal-o, o mar-raxo dirigiu-se para o mar largo, com movimentos regulares, helicoidaes.

D'aquelle dia em diante o Francisco não tornou a tomar banhos de mar.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

ROSICLER

STRUGGLE FOR LAIFE

Penso: cogito: esvae-se-me a cabeça:
da vida a força encaro com terror:
tudo se agita e move: a morte o amor
extinguem tudo; e tudo recomeça.

Que o timido ratinho a fero desça,
que se transforme em uma beija-flor,
é lei fatal aos seres sup'rior:
o mundo, a vida o caos que obedeça.

Mas esta lei por todos comprehendida
não cessa na materia; sinto-a eu
por tudo e em toda a parte difundida.

Entregue pois nas mãos d'este Protheu
deixem lutar minha alma pela vida,
e em quanto luta, que olhe para o ceo.

S. M.

(Gandarez.)

A FILHA DO MUSICO

POR

HYPOLYTE LUCAS

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

Conheci-o eu. Era um compositor muito distincto, que, não obstante o seu merecimento, nunca pudera, por falta de circumstancias propicias, chegar a gosar a reputação e celebridade, que dá o theatro.

Diga-se embora, que os homens de verdadeiro talento conseguem sempre elevar-se mais tarde ou mais cedo; a verdade é que alguns nunca passam do

meio do caminho, por lhes haver faltado um ponto de apoio em um momento decisivo. Enquanto estudara, havia sido sempre laureado; e tão evidentemente provava o seu engenho e applicação, que fôra mandado, a expensas do Estado, completar a sua educação musical na cidade das sete collinas, onde permanecera durante muitos annos. Depois do seu regresso, porem, haviam decorrido dez annos, antes de que pudesse ter o intimo jubilo de ouvir cantar no theatro da opera-comica uma pequena producção sua em um acto. De mais a mais o poema, sobre que trabalhara, nenhum valor tinha, e por consequencia a estreia, apesar do merito da partitura, não fôra das mais auspiciosas. Em vista d'isto havia sido forçado a dedicar-se aos outros ramos da composição musical, taes como symphonias dramaticas, estudos, melodias, etc.

Vivia constantemente dominado por uma especie de misanthropia sombria, que aliás é natural nas pessoas que não conseguem voltar pelo lado da felicidade os dados da existencia, e que não tem persistencia para corrigir o acaso, nem força para lutar contra a adversidade. O unico objecto da sua solicitude, e a maior ventura da sua vida, era dirigir e vigiar a educação de uma filha sua, que nascera em Roma, e cuja mãe deixara este mundo poucos annos depois. Esta perda dolorosa era ainda uma das causas da melancholia de Euphonius.

Não obstante ser um pouco emphatico o nome de Corinna, fôra este o que escolhera para sua filha, em recordação do admiravel romance de *madame de Staël*, romance que com razão julgava um verdadeiro primor de litteratura. Corinna desenvolvera-se rapidamente em encantos de espirito e em formosura. Euphonius, que tinha o maximo interesse em que a filha recebesse uma boa educação, começara muito cedo a ensinar-lhe os rudimentos da musica, fazendo-a depois admittir em um excellente collegio, onde elle proprio dava lições da sua arte. Desejava porem ardentemente que chegasse o momento, em que pudesse ter constantemente junto de si a encantadora creança, companhia de que elle muito carecia, por causa da tristeza profunda, que por vezes o dominava, e que em parte podia ser attribuida ao isolamento em que vivia. As negras borboletas do aborrecimento adejavam frequentes vezes em redor d'elle, e faziam-n'o extremamente sombrio e intratavel em certas occasiões; a verdade porem é que todos nós temos mais ou menos d'esses momentos de mau humor.

Chegou por fim a epoca em que Corinna devia sair do collegio, onde nada mais tinha que aprender. Euphonius, para festejar o regresso da filha á casa paterna, offereceu um jantar a alguns dos seus amigos mais intimos, pois desejava impacientemente conhecer a opinião d'elles acerca de Corinna, ou para melhor dizer, ouvir as felicitações e cumprimentos, com que elles não poderiam deixar de encomiar as brilhantes qualidades, de que julgava dotada a filha, e em que elle proprio muitas vezes lhes fallara com enthusiasmo nas suas horas de expansão communicativa.

Pertenci eu ao numero dos convidados, e não precisei forçar a consciencia para concordar em que Corinna era uma creatura verdadeiramente adoravel, não só pelos encantos da formosura, como tambem pelo apurado esmero da educação. A donzella offerecia o puro typo da belleza romana, cujas formas rigorosas e accentuadas tão celebradas tem sido sempre pelo cinzel dos estatuarios e pelo pincel dos pintores; mas o clima patrizien-se havia lançado sobre aquella opulenta natureza

uns vislumbres de delicadeza graciosa, que augmentavam mais ainda o prestigio da sua formosura.

Corinna fez as honras da meza sem a mais leve sombra de acanhamento, mas ao mesmo tempo com uma singeleza e simplicidade de maneiras que captivaram todos os convivas. Depois de jantar, cantou; e a sua voz, de grande extensão e de timbre muito sympathico, embora não completamente accentuada ainda, acabou de fazer a conquista de todos os presentes. No decorrer da conversa revelou tambem gosto apurado, um espirito de observação muito desenvolvido, e sobretudo uma certa reserva na linguagem, que denunciava n'ella um verdadeiro sentimento-das conveniencias sociaes.

Recordo-me de que se deu n'essa noite um facto, que, embora pareça de pequenissima importancia, não devo deixar de mencionar. O bom Euphonius, que tinha a mania de fazer citações, attribuiu a Boileau um verso de Racine; Corinna tentou timidamente, e como quem estava na duvida, fazer uma rectificação; mas o velho musico mostrou-se tão certo e convencido, de que não se enganava, que a donzella não insistiu. Admirei sinceramente aquelle temor, que Corinna mostrara, de que parecesse que queria dar uma lição a seu pae, e não pude deixar de dizer de mim para mim, que muitas outras, em caso identico, haviam de procurar por todos os modos possiveis provar que tinham razão.

Fui eu um dos ultimos a retirar-me de casa de Euphonius, ao qual disse, alludindo a um desejo, que elle manifestara, de ver brilhar sua filha:

—Possue um verdadeiro thesouro, amigo Euphonius; mas proceda como pae avaro: não mostre muito a sua filha...

—Julga-me acaso uma especie de rei Candaule, e cre que vá fazer da minha filha um quadro vivo? replicou o musico com expressão de contrariedade.

—Vejo que exagera o alcance de um conselho de amigo sincero, conselho que retiro, visto que o tomou em mau sentido...

E depois de algumas palavras de despedida, retirei-me.

Passados dias, Euphonius procurou-me em casa para me pedir que adaptasse letra a uma grande aria, que composera, e que desejava sua filha cantasse. Accedi com praser ao pedido, e perguntei-lhe se a voz de Corinna, cujo senão unico era uma tal ou qual rudeza na emissão, começava agora a mostrar-se mais flexivel.

—Começa, sim, me respondeu elle; tanto mais que essa rudeza se perderá e passará despercebida em uma sala espaçosa.

—Em uma sala espaçosa! Sua filha vae cantar em algum concerto de beneficencia?

—Não; tenho porem esperanças de que muito depressa se fará ouvir em um theatro lyrico.

—Como assim?! exclamei eu com surpresa. Pois destina sua filha á vida do theatro?

—E porque não? Sou eu acaso millionario?

—Bem sei que não é; mas sei tambem, que o exercicio da sua profissão lhe proporciona os necessarios meios para viver confortavelmente.

—E, se eu morrer, que destino será o da minha pobre filha?

—Mas deve esperar, que antes de morrer, ha de poder casar-a com um homem honrado e honesto, de quem ella fará de certo a felicidade...

—Meu amigo: não é facil casar bem uma rapariga sem dote. Antes quero que ella tenha uma por-

fissão, de que possa viver, sem dependencia do casamento.

—Mas como pianista talvez possa um dia tomar conta da clientela do amigo Euphonius...

—Triste e mediocre posição seria essa para ella! Porque razão não hade ella elevar-se pelo theatro?

—Que se hade elevar, creio eu; mas... mas a questão não é essa...

—Sim; eu comprehendo a sua ideia: o amigo é dos muitos, que julgam que uma mulher compromette a sua reputação, desde o momento em que por primeira vez piza o palco de um theatro; e todavia encontram-se numerosos exemplos, que provam a sem-razão d'esse preconceito...

—Esses exemplos, interrompi eu, não são tão numerosos, como diz; pelo contrario, são raros, e constituem a excepção. Confesso, amigo Euphonius, que seria com profundo pesar, que veria uma mulher verdadeiramente distincta, como é sua filha, tomar os habitos de desenvoltura, a linguagem, e talvez mesmo os costumes, das mulheres de theatro.

—Julga acaso que vou abandonal-a á si propria?

—O amigo Euphonius hade fazer o que fazem quasi todos os paes e mães, que alimentam o espirito com as mais lisongeiras illusões, até o momento em que a fatalidade se declara contra elles, e em que veem ir a pique a fragil barquinha, que julgavam isenta de todo o perigo.

—Vejo que se julga muito conhecedor dos escolhos do mar da vida, me disse elle com um tal ou qual azedume.

—Tenho visto tantos naufragios d'esse genero!

—Naturalmente tem visto mães e paes, imbecis ou cupidos, que tranziram com a ignominia das filhas; mas eu felizmente não pertenco a esse numero...

—Longe de mim tal ideia! exclamei eu com intima convicção. E' precisamente porque conheço bem a sua honestidade de caracter e firmeza de principios, que me aterrorizo por o ver embarcar n'esse perigoso oceano. Sei que ha de lutar vigorosamente contra a força da maré, e contra a violencia dos ventos; todavia...

—Tranquillise-se, amigo; sou um piloto experimentado, e hei de saber evitar os escolhos.

—Deus o permita!

E não insisti mais nas minhas objecções.

(Continua).

UM CASO DE MAGNETISMO

(EXTRAHIDO D'UM CONTO DE EDGAR POE)

(Continuado do numero antecedente)

Foi evidentemente influenciado pelo primeiro movimento da minha mão, ao atravessar a sua fronte; mas ainda que empregasse todo o meu poder, nenhum outro effeito sensível se manifestou até ás dez horas e dez minutos, quando os medicos vieram fazer-lhe a ultima visita.

Expliquei-lhes em poucas palavras o meu designio; e como não fizessem objecção alguma, dizendo que o paciente estava já no periodo da agonia, continuei sem hesitação, mudando todavia os *passes* lateraes em *passes* longitudinaes, e concentrando todo o meu olhar justamente nos olhos do moribundo.

Durante esse tempo, o pulso tornou-se imperceptível, e a respiração obstruida, marcando intervallos de meio minuto.

Durou isto um quarto de hora, sem alteração sensível; depois, um suspiro natural, ainda que horriavelmente profundo, escapou-se do peito do agonizante, e a respiração rouca cessou, ou antes não se ouvia distinctamente.



A CATHEDRAL DE ANTUERPIA

As extremidades do corpo estavam geladas.

A's onze horas menos cinco minutos descobri symptomas inequívocos da influencia magnetica.

O reflexo vitreo dos olhos mudou para essa expressão penosa do olhar intimo e longo, que é só propria dos casos do somnambulismo, e a respeito da qual ninguem se pode illudir; com alguns *passes* lateraes rapidos fiz descer as palpebras, como quando o somno começa a adormecer-nos, e insistindo um pouco obriguei o doente a fechar os olhos completamente.

Entretanto, não estava ainda satisfeito, e continuei os meus exercicios com todo o vigor possivel, e com a mais intensa projecção da vontade, até que chegasse a paralisar inteiramente os membros do dormiente, depois de os ter collocado em posição relativamente commoda.

As pernas ficaram estendidas, os braços docemen-

te afastados dos rins, e a cabeça levemente inclinada sobre o travesseiro.

Depois de ter feito isto, bateu meia noite, e pedi aos medicos que examinassem a situação de Valdemar.

Observaram-no e reconheceram que estava n'um estado de catalepsia magnetica extraordinariamente perfeita. A curiosidade de ambos parecia fortemente excitada.

O doutor D... resolveu-se logo a passar toda a noite junto do doente; e o doutor F... despediu-se de nós, promettendo voltar ao amanhecer.

Theodoro e os enfermeiros ficaram.

Deixamos Valdemar absolutamente tranquillo até ás tres horas da manhã; então aproximei-me d'elle, e encontrei-o exactamente no mesmo estado, em que ficara, quando o doutor sahiu... isto é; estendido, na mesma posição, o pulso imperceptível, a respiração doce, apenas sensível, excepto com o auxilio do espelho nos labios, os olhos fechados naturalmente, e os membros tão rigidos e tão frios como se fossem de mar-more.

Todavia, a apparencia geral não era certamente a da morte.

Chegando-me a Valdemar, fiz um pequeno esforço para determinar o seu braço direito a seguir o meu nos movimentos, que descrevia docemente sobre elle; passado algum tempo, com grande admiração minha, o braço do doente moveu-se, indicando, ainda que muito fracamente, todas as direcções, que o meu lhe designava.

Determinei-me a ensaiar algumas palavras de conversação.

—Sr. Valdemar, disse eu, dorme? Não me respondeu, mas percebi um rapido tremor nos labios, e repeti a mesma pergunta duas ou tres vezes.

A' terceira vez todo aquelle corpo inanimado se agitou; as palpebras levantaram-se por si mesmas como para descobrir uma linha branca do globo ocular; os labios moveram-se preguiçosamente, e deixaram escapar estas palavras n'um murmurio apenas intelligivel:

—Durmo agora, durmo; não me acorde; deixe-me morrer assim.

Tacteei os membros, e achei-os da mesma sorte rigidos e frios.

—Sente-se ainda mal do peito, sr. Valdemar?

A resposta demorou-se um pouco, e foi ainda menos accentuada que a primeira.

—Mal?—não; morro.

Não julguei conveniente atormental-o mais, e nada mais fiz até á chegada do doutor F... que veio alguns minutos antes de nascer o sol, exprimindo um espanto illimitado ao encontrar o doente ainda vivo.

Depois de ter tomado o pulso do somnambulo, e de lhe ter applicado um espelho aos labios, pediu-me que lhe fallasse ainda.

Obedeci, dizendo-lhe:

(Continua).